

■ LIVROS

# A natureza da revolta

Livro traça a carreira do artista Frans Krajcberg, recluso na Bahia

Alessandra Simões  
de Nova Viçosa (BA)

Há um pequeno trecho de mata atlântica, à margem de quarenta quilômetros de praias semidesertas no extremo sul da Bahia, que é sempre objeto de curiosidade de turistas e moradores da região. Quem passa em frente ao terreno — mil metros quadrados próximos à cidade de Nova Viçosa, por onde se distribuem espécies nativas como jacarandá, pau-brasil e peroba — não mede esforços para conter qualquer indiscrição. Muitos chegam a invadir o local sem pedir permissão ao proprietário, o artista plástico Frans Krajcberg, apenas para tentar vislumbrar algum sinal de suas esculturas ou da casa onde mora sozinho, construída sobre o tronco de uma árvore.

Krajcberg — cuja carreira artística acaba de ser divulgada em dois livros de luxo, "Revolta" e "Natura", vendidos em uma única caixa com acabamento gráfico impecável e texto de Frederico Moraes — não gosta dos invasores que associam sua vida apenas à imagem do excêntrico inquilino de uma árvore. Ele também não gosta que a imprensa o denomine de polonês naturalizado brasileiro, mas sim de brasileiro. É claro que o artista não nega seu isolamento, principal objetivo de vida depois de perder a família em um campo de concentração na Segunda Guerra. Há trinta anos, mudou para a inóspita divisa entre os estados do Espírito Santo e da Bahia, indo no sentido inverso da maioria dos artistas que apostaram no promissor mercado de arte do eixo Rio-São Paulo. Mas, ao iniciar a construção de seu refúgio particular — espécie de templo artístico ao ar livre com construções em madeira, como o enorme ateliê piramidal, do arquiteto Zanine Caldas, e a Casa da Árvore —, também estava interessado em ficar mais próximo dos materiais para suas esculturas, como os troncos retorcidos dos mangues.

Grande parte dessas obras revela as razões que levaram Krajcberg a se isolar dos homens. Com pigmentos naturais — preto e vermelho, principalmente —, o artista não pretende submeter o repertório de suas obras apenas aos vários tons cromáticos do fogo. A cor do sangue e as retorcidas formas de cipós entrelaçados também exprimem um conteúdo mais amplo e subjetivo: uma espécie de chaga aberta na sociedade, que, para Krajcberg, seria uma ferida incurável.

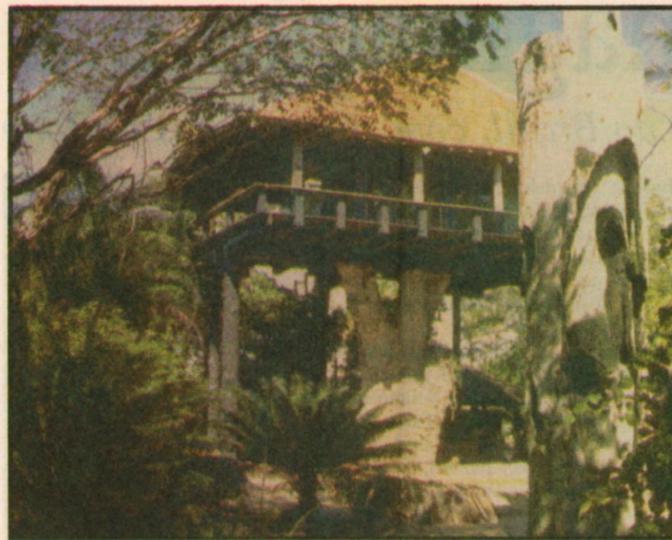
"A minha arte deve exprimir cada vez mais minha revolta. E não é fácil realizar uma escultura que grita", afirma ele, mostrando uma escultura com desenhos circulares produzidos naturalmente pela água do rio. Os motivos da revolta de Krajcberg são mais do que justificáveis. Nascido em uma família judia na Polônia, o artista perdeu mãe, pai e quatro irmãos em um campo de concentração durante a Segunda Guerra. Mas, no lugar da resignação passiva, o então jovem de vinte anos preferiu aprender a pintar, passando primeiro pelos ateliês de artistas também perseguidos por Hitler, como o pintor alemão Willy Baumeister (1889-1955), para depois "nascer pela segunda vez" no Brasil, em 1948.

O que mais representa a opção mi-

santropa de Krajcberg talvez seja a Casa da Árvore, sua atual residência, erguida sobre o gigantesco tronco da árvore Pequiizeiro, com cerca de sete metros de altura. Por uma estreitíssima escada em caracol, chega-se ao quarto de dormir, revestido por papel de parede feito de folhas de árvore naturais, e à sala de estar, com algumas de suas obras. Quando se recolhe para dormir, logo após os noticiários da televisão, às 9 horas da noite, Krajcberg deixa para trás um dia intenso de trabalho: desenhos, um novo ateliê que constrói com a ajuda de alguns empregados, e o trato especial com os sete cachorros anônimos e as dezenas de galinhas de estimação, únicos companheiros de período integral. Os ajudantes deixam a casa no meio da tarde.

Mas seu trabalho já foi mais enérgico. A ponto de concluir 80 anos em abril, Krajcberg se diz cansado, apesar dos passos e das mãos firmes. O motivo para que sua produção tenha diminuído no último ano é apontado por mais um de seus comentários nihilistas: "Eu detesto o homem", repete mais de uma vez, lembrando que nem os artistas o surpreendem mais. A última prova disso, que lhe rendeu uma segunda cirurgia no coração, foi a apreensão de suas obras na alfândega de Santos, vindas de uma exposição na Fundação Cartier em Paris no ano passado. Nenhum artista telefonou ou mandou uma carta como ato de consideração. As obras ficaram dez meses presas na alfândega, que alegou irregularidades burocráticas. "Ameaçaram queimar minhas obras e chegaram a me pedir US\$ 100 mil para retirá-las", lembra. O episódio só foi resolvido depois da intervenção do Governo Federal.

Os desdobramentos da briga na alfândega — mudança na lei que minimizou a burocracia de obras vindas do exterior — revelam que a descrença de Krajcberg não é tão absoluta. Ele está sempre brigando por algum direito individual e, principalmente, ambiental, como a atual participação na ONG Fórum Mundial, com sede nos Estados Unidos. A partir de 1959, também pas-



■ Acima, a Casa da Árvore: projeto do próprio artista. À dir., Frans Krajcberg e uma de suas esculturas: desenhos produzidos pela própria água de um rio de onde foi retirada a madeira

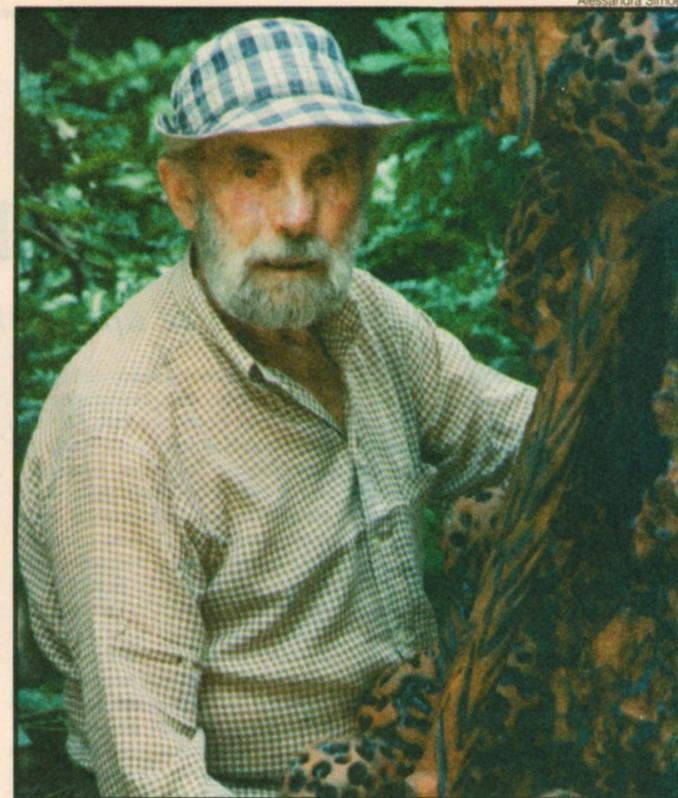
sou a realizar expedições pela Amazônia (fez um total de oito viagens), coletando materiais e produzindo milhares de fotografias.

Os infortúnios relegaram a Krajcberg uma defesa construtiva: personalidade forte. "Parece que foi colocado cimento armado sobre mim." Com esse escudo, Krajcberg aponta qualquer agrupamento ideológico como reflexo da insegurança do homem. Explica-se, assim, por que nunca aderiu a movimentos artísticos. A independência também proporcionou a Krajcberg visão crítica imparcial sobre a história da arte brasileira — diferentemente dos relatos emotivos dos artistas e dos teóricos das atarasdas "vanguardas" nacionais. E, novamente, Krajcberg pagou pela liberdade. Era detestado pelos artistas concretistas e neoconcretistas, deslumbrados com as imagens geométricas de Max Bill na I Bienal de São Paulo, em 1951. Eles se sentiram incomodados com as esculturas de materiais orgânicos e com a linguagem particular de Krajcberg. "Eles fizeram de tudo para imitar a Bauhaus. Ferreira Gullar e Waldemar Cordeiro formaram grupinhos fechados. Eu sofria muito com isso."

Krajcberg lembra

que na época trabalhava no Rio de Janeiro em uma casa emprestada pela família do escultor Sérgio Camargo (1930-1990). Quando o escultor Franz Weissmann (hoje com 86 anos), um de seus melhores amigos, e um escultor que criou as formas mais inventivas do Concretismo, foi para o Rio, Krajcberg ofereceu parte da casa para que ele trabalhasse. "Todo mundo falava para ele sair de lá. Diziam que eu era decadente. Não iam visitá-lo por minha causa." Em 1951, ambos ganharam o prêmio da Bienal; Weissmann com a escultura; Krajcberg com a pintura. Na ocasião, o crítico Mário Pedrosa fez uma crítica ardilosa. afirmou que Krajcberg acabara de se naturalizar, mas que sua arte não havia se naturalizado. "Eles só aprenderam depois da ditadura, quando tiveram de buscar exílio", lembra Krajcberg, que em 1975 acabou tendo Pedrosa como fiel ajudante de uma grande exposição individual em Paris.

O ponto máximo do mea-culpa de Pedrosa foi durante a divulgação do Manifesto do Rio Negro — uma espécie de alerta sobre a crise na arte contemporânea feito pelo crítico Pierre Restany (fundador do movimento Novo Realismo na França), por Krajcberg e



Alessandra Simões

pelo pintor Sepp Baendereck em viagem à Amazônia em 1978. No Hotel Meridiano, no Rio de Janeiro, enquanto vários artistas na platéia viajavam os palestrantes, Pedrosa se levantou e beijou Krajcberg. "O movimento concretista foi uma ditadura na arte", diz o artista. Seu primeiro professor, Willy Baumeister, fôra da Bauhaus e passara aos novos alunos da Escola de Belas Artes de Stuttgart tudo que já havia ensinado na escola alemã, muitos anos antes dos concretistas. "Achei estranho aquela novidade. Cordeiro virou líder porque era um italiano muito falador, mas sua arte foi a pior de todas."

Krajcberg sempre esteve à margem das badalações artísticas no Brasil. Enquanto alguns artistas de classe sociais mais abastadas podiam se dar ao luxo de organizar encontros regados a uísque nas recém-abertas galerias, Krajcberg era funcionário do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Desde a Europa, também exercia uma vocação involuntária para ser nômade: estava sempre dormindo na casa de amigos, pois não tinha dinheiro para pagar aluguel (em Ibiza, na Espanha, chegou a morar em uma gruta). Um de seus primeiros anfitriões foi o pintor russo Marc Chagall (1887-1985), com quem morou durante quatro meses na França no final dos anos 40. No Brasil, apesar das desavenças com o concretistas, ele também lembra de bons amigos, como Alfredo Volpi, com quem trabalhou na Osiarte, pintando azulejos para os painéis de Portinari.

Mas, cada vez mais interessado na utilização de materiais naturais, Krajcberg acabou se isolando em Nova Viçosa. "Nesta floresta eu observo a vida pequena, a vida das formigas", diz ele sobre seu olhar detalhista — o mesmo que captou as belas fotografias de plantas e insetos. Somente o isolamento pôde conferir ao artista a concentração necessária para o trabalho minucioso que, mesmo nas esculturas monumentais, como os totens talhados em troncos, não se rende ao conteudismo e trabalha também com formas autônomas,

como a tinta que acompanha os desenhos dos veios das árvores.

Chega a ser uma estranha ironia uma das conclusões de Krajcberg sobre sua carreira artística no Brasil. Ele afirma ter sido um romântico apenas no início, quando "queria dar vida aos restos encontrados na natureza". Mas será que Krajcberg abandonou o idealismo? Ou continuou gerindo um mito particular no pequeno templo que construiu para viver e trabalhar? Krajcberg responde que não gosta da palavra "arte" para definir seu trabalho. Mas suas centenas de esculturas, relevos, desenhos e telas continuam disputando o espaço já insuficiente de seu ateliê. Muitas obras, inclusive, estão sofrendo danos pelos ataques constantes de cupins. O próximo plano de Krajcberg é fazer um museu no

local, onde pela primeira vez pôde sentir em casa. "Aqui eu pude dormir tranquilo sem que ninguém me mandasse embora."

Seu receio agora é que as obras tenham destino semelhante a inúmeras outras que perdeu por não ter tido onde guardá-las até a mudança para a Bahia. Seu ateliê em Paris também deverá ser entregue ao Museu Ville de Paris para se transformar no pequeno Museu Krajcberg. Seu cuidado também recai sobre boa parte de suas milhares de fotografias, que estão sendo digitalizadas em CD ROM. Ele costuma vê-las em um notebook, uma das poucas tecnologias de sua casa, além do material para produzir imagens em vídeo, máquinas fotográficas e um aparelho de fax.

Em questão de tecnologia, Krajcberg só permite exceções aos equipamentos de trabalho. Já os aparelhos domésticos são poucos. O almoço é preparado em um fogão à lenha; o peixe, ele mesmo pesca no mar, a dez metros de sua casa. A veneração aos pequenos atos continua sendo a maneira mais sensata que encontrou de viver. Krajcberg ainda não perdeu a sociedade pela guerra e por outras barbaridades, como o próprio turismo degradante na região onde mora. Sua revolta apenas se voltou à relação com a natureza, como objetivo de luta, como novo sentido para sua vida.



Esculturas fotografadas por Krajcberg em frente ao seu terreno